

A verdade dos dois é a mesma

ANC 30 JUL 1988
P2

Ignácio de Aragão

Houve no ar, no primeiro momento, porque não dizer, um sopro morno de inquietação. Não se sabia, ao certo, o que poderia ver, servindo de presságio, conforme a interpretação de cada um, a veemência verbal do Presidente e a pompa e a cerimônia emprestadas à solene declaração de terça-feira última. Sua ida, porém, no dia seguinte, ao poço de petróleo de Urucu, no invio sertão da selva amazônica, levando inclusive a tiracolo o seu ministro general chefe da Casa Militar, foi o bastante para tranquilizar os mais avisados e desanuviar o ambiente político, porque se pensasse em praticar qualquer desatino democrático não iria para lugar tão longe.

Consta até que, enquanto redigia seu notável discurso na manhã de quarta-feira, Dr. Ulysses recebera oportuno e tranquilizador telefonema de um ministro militar. E isto deve ter influenciado seu pronunciamento, no qual não fez uma

única referência sequer ao presidente Sarney ou à declaração deste da noite anterior.

No fundo, em substância, os discursos de Sarney e de Ulysses disseram a mesma verdade, porém com palavras diferentes, destinadas a público diverso, cada uma recheada de mensagens específicas aos fins do autor. O Presidente, que vem afirmando há bastante tempo, em conversas, despachos, audiências e bocas de microfone, que a Nação se tornaria ingovernável se fosse mantida a Constituição aprovada no primeiro turno, sem modificações, quis fazer solene advertência aos Constituintes e lavar as mãos, de público, como o fez Pôncio Pilatos. Daí o caráter solene da declaração.

Dr. Ulysses, por duas vezes, no seu hino à Constituição, afirmou que esta tem imperfeições. "Existem, reconheço, vamos corrigi-las". E mais adiante, como que a justificar o que havia sido dito pelo Presidente, afirmou: "Senhores Consti-

tuintes: A Constituição, com as correções que faremos, será a guardiã da governabilidade". Entende-se, a contrario sensu, ter dito Ulysses que, sem as correções, Sarney teria razão, isto é, não haveria governabilidade no País.

Ulysses, entretanto, o mais hábil político deste País, colheu a dourada oportunidade que o discurso do Presidente lhe ofereceu. Não deixou passar o cavalo ensilhado e montou nele. Com o seu discurso, ofuscou a passada fama de orador de Covas, garantiu o comando do PMDB na próxima convenção. Quem ousará despedi-lo da Presidência depois desses novos fatos heróicos, que só ele, mais ninguém, tinha autoridade moral e política para praticar? O governador Waldir Pires, sabidamente um homem inteligente, já sentiu a corrente no cogote de ar e, perguntado a respeito do discurso de Ulysses, respondeu desenhado: "Bonito, não foi?". Foi. Porém, muito mais do que isso.